

## Procura ou oferta: o que explica a escassez de mão-de-obra?

A taxa de desemprego em Portugal fixou-se nos 6,0% em 2022, um nível baixo e que nos obriga a recuar no tempo até 2002 para encontrar uma taxa inferior (5,0% no ano). Apesar do aumento da taxa de desemprego na segunda metade de 2022 (de 5,8% em média na primeira metade do ano, para 6,2% no segundo semestre), que não deve ser ignorado, não deixa de ser curioso que, de acordo com os dados disponíveis das vagas de emprego, existiam, em 2022, 17,3 vagas de emprego por preencher por cada desempregado em Portugal, claramente acima da média histórica de 4,0. Importa, por isso, perceber o que explica esta tensão no mercado de trabalho e extrapolar sobre o que isto nos pode dizer sobre o futuro.

Para compreender melhor este fenómeno, vamos ver o que está em causa: será que há mais empresas a procurar trabalhadores (ou seja, um choque da procura) ou será que há menos pessoas à procura de emprego (neste caso, um choque de oferta)?

Para avaliar a primeira parte da questão, assumimos como *proxy* da procura de trabalhadores por parte das empresas a soma do número total de trabalhadores por conta de outrem e das vagas de emprego por preencher. Como é possível ver pelo segundo gráfico, esta medida está claramente acima da média registada no período pré-pandemia, o que nos permite concluir que a procura por parte das empresas em 2022 superou largamente o nível médio.

Para avaliar a segunda parte da questão, desenhamos dois cenários (que podem ser vistos no terceiro gráfico). Concluímos, pela sua análise, que a pandemia não teve um impacto destrutivo na oferta de emprego. Por exemplo, se usarmos a relação histórica entre PIB e emprego (representado no gráfico como cenário 1) concluímos que existiam, em 2022, mais trabalhadores do que o que seria de esperar se não tivesse havido o choque pandémico. Mais concretamente, estimamos que o emprego estaria acima do nível pré-pandemia em 2,3% (ou seja, cerca de 110.000 postos de trabalho), abaixo do que realmente foi observado (2,8%, 130.000).

Assim, este exercício parece indicar que não houve uma redução da oferta de trabalhadores, mas antes um aumento muito expressivo da procura por parte das empresas. Outros indicadores parecem corroborar esta ideia: a taxa de atividade da população em idade ativa,<sup>1</sup> por exemplo, foi de 60,1% em média em 2022, o valor mais alto desde, pelo menos 1998. Face a 2019, isto representa um aumento de 1,2 p. p., mas esta diferença atinge

1. Mede a proporção da população em idade ativa (16-89 anos) que faz parte da população ativa (ou seja, que está empregada ou desempregada).

### Vagas de emprego por indivíduo desempregado



Nota: Na linha a tracejado, indicamos média histórica (2010-2019).  
Fonte: BPI Research, com base nos dados do Eurostat e INE.

### Evolução procura de trabalhadores por parte das empresas \*

(Milhões de indivíduos)



Nota: Na linha a tracejado, indicamos média histórica (2010-2019). \* Assumimos como *proxy* a soma das vagas de emprego por preencher e do número de trabalhadores por conta de outrem.  
Fonte: BPI Research, com base nos dados do Eurostat e INE.

quase 7 p. p. se considerarmos o grupo etário dos 55-64 anos, um sinal de que a pandemia não afastou os indivíduos mais velhos do mercado de trabalho.<sup>2</sup> Esta evolução contrasta com o verificado no caso dos mais jovens, cuja taxa de atividade baixou face a 2019, o que pode ser justificado pelo aumento dos jovens a estudar ou a frequentar uma formação. Outro dado curioso é que o aumento da população empregada face a 2019 é explicado pelos indivíduos mais velhos, principalmente no grupo etário dos 55-64 anos (+129.000 empregados), e que permitiu compensar integralmente a queda do emprego nos mais jovens, dos 16-34 anos (-51.000).

Em conclusão, os dados parecem apontar para uma recuperação expressiva do mercado de trabalho assente no

2. Estas conclusões são distintas das obtidas numa análise semelhante feita para os EUA, publicada na *Informação Mensal* anterior. Para mais informação, ver «Um retrato das tensões no mercado de trabalho dos EUA», no IM03/2023.

dinamismo da atividade económica, com as empresas a evidenciar maior procura por trabalhadores para fazer face à sua atividade. De facto, os dados não parecem apontar para uma redução do número de trabalhadores disponíveis para trabalhar, antes pelo contrário, o dinamismo do mercado de trabalho tem atraído pessoas anteriormente desencorajadas.<sup>3</sup> Isto implica que, com a esperada desaceleração da atividade económica e o ambiente de elevada incerteza que se vive, o mercado de trabalho se ressinta, o que suporta a nossa expectativa de um aumento da taxa de desemprego em 2023 (em torno de 6,4%), com um crescimento muito residual do emprego.

Vânia Duarte

### Evolução do emprego de acordo com diferentes cenários

(Mil indivíduos)



**Nota:** Cenário 1 foi construído assumindo a relação histórica entre PIB e emprego e considerando as previsões do BPI Research para o PIB pré-pandemia. Cenário 2 foi construído assumindo o crescimento da população entre 16-89 anos, estabilização da taxa de desemprego em 6,6% e taxa de atividade em 58,9% (valores de 2019).

**Fonte:** BPI Research, com base nos dados do INE.

3. De facto, o número de desencorajados (ou seja, pessoas disponíveis para trabalhar, mas que não procuram trabalho) diminuiu em 2022 em 20,8%, para 128.700. É preciso recuar a 2010 para encontrar um valor mais baixo (quando atingiu 72.500) e compara com o máximo de 275.100 pessoas registado em 2013.